

## **RELATÓRIO DA 1ª PEREGRINAÇÃO NA ROTA SIMBÓLICA E TURÍSTICA DOS CAMINHOS DE PEABIRU NA COMCAM**

**DATA: 08 (SIMPÓSIO), 09 E 10 (PEREGRINAÇÃO) DE OUTUBRO DE 2010**

**ITINERÁRIO: PEABIRU, CAMPO MOURÃO, CORUMBATAÍ DO SUL**

### **PARTE I**

#### **RELATÓRIO DA VISITA DA ALDEIA YVY PORÃ NO EVENTO DA PRIMEIRA PEREGRINAÇÃO SIMBÓLICA E TURÍSTICA DOS CAMINHOS DE PEABIRU NA COMCAM -08,09 E 10.10.2010**

*Sinclair Pozza Casemiro*

07 de outubro de 2010. Quinta-feira. 8h30min. FECILCAM.

A chuva cai torrencialmente. O ônibus, já estacionado, espera por uma nova tarefa.

Depois dos cumprimentos, é hora de começar. É na chuva mesmo, que não parece querer cessar tão cedo, que as bagagens são tiradas da camioneta do Sr. Fúlvio, dirigida por ele e com a Dona Idalina dentro também, e guardadas no bagageiro do ônibus.

E lá vai o ônibus da FECILCAM, rumo à aldeia YWY PORÃ, no Posto Velho, municípios de Santa Amélia e Abatiá-PR, buscar os indígenas que participarão do evento da 1ª. Peregrinação na Rota Simbólica e Turística dos Caminhos de Peabiru na COMCAM, nos dias 08 (Simpósio em Peabiru às 20 h); 09 e 10 (Peregrinação entre os municípios de Peabiru, Campo Mourão e Corumbataí do Sul).

Na saída, a passagem pela Caixa Econômica, pelo Instituto Municipal de e Pesquisas - IMAPE. No IMAPE é onde ficarão os indígenas, acompanhados por mim, durante os dias de sua permanência na região.

Sou uma não índia. E vou escrever para os não índios e para os índios. Somos, os não índios, conhecidos por “juruás”. “Juruá” é tradução guarani de “branco”, de “não índio”. Eu tenho medo de transmitir equivocadamente as nossas experiências, tendo os dois públicos leitores. Mas, vou tentar. Gostaria de, já de início, deixar claro aos não índios, juruás, que o modo de ser guarani inclui um princípio básico do conhecimento que faz paralelo com o nosso princípio básico do conhecimento. Mas, que é exatamente o oposto dele; um é oposto ao outro. Porém, é o conhecimento que vai nos fazer amar uns aos outros. Dizem, e uma dessas vezes que isso diz é escrita por Santo Agostinho, que “só se ama o que se conhece”. Então, vamos nos conhecer na troca de experiências – juruás e índios, mas, sabendo dessa radical diferença já desde o início.

Esse princípio básico do conhecimento, para o Juruá, é a dúvida. Nós herdamos tal princípio básico da ciência ocidental, com suas raízes já no pensamento grego de Aristóteles. Não vamos aqui aprofundar, só lembrar que esse princípio acaba gerando a ética da linguagem ocidental: o que você me diz, pode não ser. Para o índio - e isso quem disse foi Kunhã Sapydju, que em português é a Vó Almerinda, aos seus familiares guaranis, numa roda de conhecimento que tive a oportunidade de presenciar- eu tenho que acreditar no que você me diz. “Se você

mentir para mim, o que vou fazer? Vou acreditar. Não posso pensar que está mentindo. Tenho que acreditar em você.” O silêncio e o olhar dos ouvintes, como retorno, fez pensar que o princípio fora acolhido, sem questionar. Esse princípio que aprendi por meio de uma ética na linguagem permeia, por extensão, a ética de todo o conhecimento para o guarani. Creio ter vindo de uma concepção fundante, valor caro ao guarani, de que a palavra é sagrada. Mas, o interessante, é que presenciei também um outro princípio, gerado desse- de acreditar sempre, que admite as vozes diferentes, plurais: do acertar e errar, ou errar e acertar, sem constrangimento, sem culpas. Isso, quando se tem o espírito verdadeiramente científico, também os juruás seguem. Mas, na prática da ética cotidiana, do senso comum juruá, ele, esse princípio, não é usado. Também não é usado pelos que apenas se dizem cientistas, os pseudo-cientistas ocidentais, que são grande parte. Foi no dia 09 de outubro de 2010, quando procurávamos pelos peregrinos que haviam saído de Peabiru rumo a Campo Mourão. Eu, o cacique Awa Ninboaty e sua esposa Tupã Rendy, que em português se chama Maria, no início da peregrinação, dia 09, permanecemos no salão onde havíamos pernoitado com os peregrinos, porque precisávamos acompanhar a Tchemoí, Kunhã Sapdjy - Vó Almerinda e as crianças. Todos iríamos acompanhar a peregrinação dentro do ônibus. Só os adultos e jovens é que caminhariam. Mas, o ônibus demorou a chegar. Quando chegou, fomos guardar as bagagens de forma que nos atrasamos ainda mais. Nisso, é claro que a peregrinação já se adiantara bem. E lá fomos nós, tentando alcançá-los, entrando pelos caminhos que pudessem ter passado. Num determinado trecho, complexo, cheio de entradas, “carreadores”, acabamos por nos perder. O motorista procurava culpas: falei que era por aqui... eu procurava justificar: sim, mas o erro já foi desde lá onde o senhor teimou em entrar... E a coisa ia se estendendo. O cacique também falou: pra mim era pra lá... Porém, imediatamente, ele próprio corrigiu, mansamente: mas é assim que a gente acha. Não precisa discutir. A gente vai tentando, vai procurando, não tem como não errar pra acertar. Num trecho, um acertou, noutro trecho, errou... Ou seja, naquela situação, o que ele deixou claro é que todas as nossas vozes, nossas idéias eram aceitáveis, uma não precisava excluir a outra, apenas complementar. Iríamos chegar onde deveríamos, cedo ou tarde. Como de fato chegamos. Nessa hora, eu me lembrei da Tchemoí Kunhã Sapdjy - Vó Almerinda, dando sua lição sobre acreditar e percebi a dimensão desse princípio, gerando outro.

Posto isso, ou seja – um pouco de reflexão sobre o modo de ser guarani e o modo de ser Juruá quanto ao princípio básico do conhecimento, vamos falar da experiência que vivemos nestes dias -07, 08, 09 e 10 de outubro de 2010. Quem sabe, conscientes dessa diferença, se torne mais fácil entender o relato.

Também é bom saber um pouco sobre os nomes. E que fique claro: tudo o que falo neste relatório são conhecimentos que venho aprendendo com essa aldeia em particular, com autorização para repassar aos juruás. Os nomes guaranis são dados depois que os índios guaranis são recebidos no universo guarani ritualisticamente, em cerimônia própria – nheenmongaraí, dentro da Casa das Rezas - a Opy, e não são necessariamente a tradução do nome em português. Tem a sua hora, o seu momento, e o nome vem inspirado para cada um deles em especial, falado pelo Apyka/Tcheramoí (Meu Vô) ou Tchemoí (Minha Vó). Assim, nem todos os índios do clã que vieram já têm seus nomes. Interessante é que há já crianças com

nome guarani, enquanto alguns adultos ainda não o possuem. Depois eu soube o porquê do nome das crianças e vou falar neste texto, mais na frente, na parte das histórias.

Já o nome Tchemoí e o nome Tcheramoí são traduzidos. Perguntei à Kunhã Sapydjy:

-Vó Almerinda, a senhora é Tcheramoí? E ela me respondeu, rindo e apontando para Apyka Jywyaty - Vô João:

-Não. Ele é Tcheramoí. Eu sou Tchemoí.

Os indígenas que estavam por perto confirmaram com a cabeça, rindo também. E eu entendi: é o masculino e feminino: Meu Vô é Tcheramoí e Minha Vó é Tchemoí. Daí a origem do português "Xamã".

Mas, qual o sentido de "Meu Vô e Minha Vó" ou "Tcheramoí e Tchemoí"? Agora, já é mais que o significado de Meu Vô e Minha Vó. Tcheramoí e Tchemoí são aqueles indígenas, homens ou mulheres da aldeia, mais velhos, quer tenham ou não relação de parentesco com ela, a aldeia. São os arquivos da sabedoria guarani, da sua cultura, sua língua, têm toda a sabedoria e sabem dar conselhos a tudo. Eles garantem a permanência da tradição, porque repassam aos jovens e crianças todo o conhecimento, orientam sobre todos os assuntos. Há linhagens entre eles. Os que são reais como o Vô João- Apyka Jywyoty e a Vó Almerinda- Kunhã Sapydjy e os que vivem na cabeça das pessoas, também orientando, ensinando a todo momento.

Bem, continuemos. A aldeia de YVY PORÃ é hoje liderada pelo Cacique Awa Ninboaty de nome português Mário Raulino Sampaio. Em 2006 e 2007, quando lá estive, era liderada pelo Cacique Anderson, com quem fiz importantes contatos, começamos a conversar, a trocar experiências. Ele, por parte da aldeia, eu, por parte do NECAPECAM e da UNIFAMMA, de Maringá-PR, onde era Diretora de Ensino. A troca é sempre importante, porque estabelece um vínculo que faz crescer. Eu permanecera na aldeia e eles permaneceram em Maringá, onde eu morava no momento e trabalhava. Estavam alojados na Associação Indigenista de Maringá ASSINDI. Nessa Associação tem se dado muitos de nossos encontros desde então.

Foi nesse período que fiz amizade profunda com Kunhã Sapydjy, a Vó Almerinda, que é Tchemoí da aldeia e que me revelou mistérios da Terra Sem Mal e o Caminho de Peabiru - Tape Awiru. Tão sagrado para ela que, neste primeiro momento, em que eu ainda a chamava de Dona Almerinda, só aceitou falar na Casa das Rezas. E nem podia ser assim, de forma espontânea. Teria que ser quando achasse a hora chegada. E chegou. Meses depois.

Recebi seu relato: *"É o caminho da terra, né? Veio que veio lá do céu e encosto no lugar onde eles fizeram, e começou a tremê, aquele caminho tremia, tremia e tremia. Sabe qui eles fizeram?"*

*Daí as muié tava dançando lá com taquá (takuá), nhanderu com mbaraká, aí virô contra um ô outro, quebrava mbaraká na cabeça do outro, as moça brigando entre as moça, rapaziada brigando entre as rapaziada, (eles) sentia que o caminho sumia outra vez, sumia no céu outra vez. Se não eles ia embora (ele teriam ido embora para o céu). (Mas) por causa*

*daqueles dois abusante, num desceu no chão pra levar eles...ah... tem muita história, muitas história, muito triste (Obs.: a anciã chora).*

*Mais no meio daquela tribo que tava rezando tinha uma muié i um hômi qui era abusante. (Que) num crê muito, né? Aí eles rezando, rezando, mas por causa daqueles dois abusante, o caminho subiu tra vez, sumiu no céu.*

*Quando eles tão pedindo a Nhanderu pra abrir o caminho assim, eles jejua, né? Comida assim (comida assim, comida de "branco") num come. (O que eles comem) é canjica, mel do mato com água muito fria ainda. Assim que eles comia. É lá é terra...como é que se fala...lá, Yvy Mburana, terra que encanto pro índio ficá, diz que existe mesmo isso aí. Mais os índio tá lá, né?"*

Esse relato me deu forças para continuar o Projeto sobre o Caminho de Peabiru no NECAPECAM. Deu mais sentido a ele. A ONG NECAPECAM foi idealizada com o objetivo de institucionalizar estudos e pesquisas em toda a região da Comunidade de Municípios de Campo Mourão-COMCAM, para que reunisse interessados e estudiosos que já vinham estudando individualmente o tema, em toda a região, bem como aqueles que vinham se reunindo em estudos em Campo Mourão. Até agora eu tinha apenas ouvido as vozes brancas, não índias, sobre o Peabiru e a Terra Sem Mal, em que acreditava, como a de Rosana Bond, e em outras em que para mim pairavam muitas dúvidas. E, para dificultar, tinha vozes não índias, autorizadas, como de Niemendaju, falando da Terra Sem Mal, no início do século XX, assim como de Hèlène Clastres, nesse mesmo século, mas que não citavam o Peabiru. Eu tinha, sim, as vozes índias de Tupá Werã, em julho 2004, na época Cacique da aldeia Morro dos Cavalos de Palhoça, Santa Catarina e tempos depois, da Cacique, na época, Margarite, de Monday, Paraguai. Do primeiro, ouvi num encontro sobre o Peabiru acontecido em Campo Mourão; da segunda, ouvi em um pequeno trecho de peregrinação na Ciudad Del Leste do Paraguai. Então, eu precisava de mais vozes índias, aqui no Paraná, agora. Afinal, assim eu fora formada: na dúvida, na demonstração, verificação. E meu espírito se acalmara, pois. Eu podia, agora sim, falar da Terra Sem Mal relacionada ao Peabiru porque ouvira de indígenas do Paraná, que o Peabiru era o Caminho que ligava a Terra ao Céu. Também para minha cabeça, formada entre fronteiras geográficas, muito difícil era compreender as dimensões dos limites que traçamos, além das linhas de demarcação geográfica. Coisas do momento, que eu tinha que passar. Coisas da nossa linguagem, não índia, que hoje eu sei que tanto abre como fecha nossa compreensão de mundo.

Hoje entendo que a família guarani se estende por estados brasileiros como Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, por países como Paraguai, Brasil, Argentina, Bolívia, Uruguai, se respeitando e em uma coesão que vem assustando os juruás, ligados que estão às fronteiras. Eles, os guaranis, caminham sempre por todo esse território que abrange estados e países diferentes, visitando-se, contando as histórias que lhe são caras, formando seus Tchemoí e Tcheramoí, procurando não deixar morrer sua nação, falando da Terra Sem Mal. Também viajam e vivem numa preocupação com o tempo diferente da dos juruás. Assim como de espaço, de hierarquias, de raízes, compromissos, palavra. Eu ainda não sei muito dessas noções entre eles, como elas são vivenciadas. Por exemplo, o Cacique Anderson não é mais Cacique agora daquela aldeia, como em 2006. E não está mais lá. Está em outro estado, numa outra aldeia. Foi convidado e aceitou o convite, está lá. Agora o Cacique,

como já disse, é Mário. E o nome da aldeia, que era ARAÍ WERÃ, que quer dizer Nuvem Brilhante, hoje não tem mais esse nome. A escola de lá da aldeia, não índia, usada para alfabetizar em português os indígenas e incluí-los em nossa civilização, continua com esse mesmo nome – Escola Araí Werã. Mas, a aldeia agora se chama YWY PORÃ, que quer dizer, Terra ou Aldeia Bonita, Boa. E eles me disseram que não era para eu confundir as coisas, era para explicar direitinho. Senão, daria problemas... Como acontecem esses processos, eu não sei. E nem é hora ainda de saber. Um Juruá deu a entender que é disputa, competição. Não resisti, me pareceu tendenciosa, até maliciosa e falsa a informação. Conversei com meu amigo contemplação, cuidado, negação... Depois, parecendo entristecido, respondeu:

-Guarani não tem costume de competir, de conflito. Não gosta. Guarani busca sempre a paz. Nós caminhamos, nos esparramamos desde antes, muito tempo, para encontrar sempre a paz. Nós estamos no Paraná, Mato Grosso, Paraguai, Argentina, Uruguai. Não gostamos de confusão, de conflito, tem lugar para cada um e tem o tempo de cada um. Uma coisa é que isso tudo começou aqui quando chegaram os juruás.

De fato, a cultura de competição está embrenhada na nossa cultura ocidental, desde os mitos. Nem questionamos. Que o digam as versões atualizadas de “Guardiães do Templo”, “Fúria dos Titãs”, entre outros filmes que invadem nossas salas de cinema e as superlotam nos domingos e em nossos shoppings. Quando conversamos histórias míticas, eu e os índios de YWY PORÃ, fico até meio esquisita porque em nossas histórias míticas, geralmente de origem grega ou greco-latina, sempre há guerras, lutas, tragédias, mortes, dominação agressiva. Pai contra filho, filho contra pai, mãe amando filho, irmão contra irmão, contra pais, filho amando mãe... São padrões que infiltraram e infiltram a idéia de que é preciso um morrer para outro nascer. O espaço parece ser sempre e só disputado. E nos mitos guaranis, que tenho ouvido, parece haver bem menos reforço à agressividade, competição. Mas, confesso que é cedo para falar disso, concluir algo. Aprofundemos esta digressão com mais propriedade e mais tarde. É preciso estudar muito, muito, conversar muito, muito com eles... O que sei é que quando estamos juntos, índios e juruás, percebo no Juruá, sempre, um julgamento cético, risadinhas sugerindo algum tipo de esperteza, que não condiz com a realidade dos fatos. Conceitos equivocados de valores, difícil de explicar. Isso aconteceu por diversas vezes nesses dias em que estivemos convivendo nesta experiência que estou relatando. Por exemplo, ganhei de Kunhã Sapydju um presente. Ela me trouxe, com cuidado, em sua bolsa. Sentadas, no pátio do IMAPE, me entregou:

\_Trouxe um presente pra você, Sinclair.

Eram duas lindas pedras brilhosas, de cor lilás, muito lavadas, limpas. Ela as encontrara no chão da aldeia e as trouxera para mim, bem cuidadas, um presente valioso que pretendo levar comigo até o fim de meus dias. Isso me faz pensar no que está escrito em nossos livros, como coisas assim, de que no século XVI os índios aceitavam “bugigangas” em troca de ouro, de coisas valiosas. Porém, o que era valioso para os índios? O que era valioso para os europeus? Mesmo no século XX, na colonização nacional, relatos sobre os encontros de cainguangues de Campo Mourão e os paulistas, há escritos desses. Lemos com frequência que os índios trocavam suas coisas por nada, quase, que os brancos ainda depois os ironizavam. E ainda hoje isso acontece... parecem muito injustos os julgamentos apressados dos juruás em

relação ao que é importante e caro aos índios. Não só isso afeta aos bens materiais, como afeta a dimensão de costumes, de valores, com certeza.

Mas, continuando, a minha calma, sossego, por ter encontrado fundamento na proposta do Projeto sobre o Peabiru na COMCAM porque, afinal, estava falando da Terra Sem Mal no Peabiru, algo de fato legitimado pelos guaranis do Paraná, durou pouco. Por minha causa, mesmo. Outra dúvida, que era sutil, que era escondida por essa maior, agora resolvida, decidira exarcebar em mim, tomando dimensões gigantescas. Tudo bem, existe o Caminho de Peabiru ligado à Terra Sem Mal, mas, com que direito nos apropriamos desse patrimônio cultural indígena e saímos por aí a falar dele, se não perguntamos a eles se podemos fazer isso? Qual o sentido de trabalhar o turismo, apenas pelo turismo? Sei que isso é condenável, pelos próprios indígenas, conforme já se manifestou Tupá Werã no encontro que houve em 2004, aqui em Campo Mourão, conforme mensagem que tem enviado por juruás, mesmo, a respeito disso. É preciso que o sentido de nosso trabalho se complete com a participação indígena e com a sua anuência, o seu apoio. Se for para construir algo positivo para as nações tradicionais, pode valer a pena trabalhar o Peabiru. Caso contrário, turismo pelo turismo é um equívoco. A minha consciência dizia-me isso cada vez mais fortemente. Na ânsia de conhecer as raízes culturais de nossa região, não vi a dimensão de uma retomada histórica assim importante como é do Caminho de Peabiru, no olhar guarani e de outras nações indígenas. Estava apenas procurando conhecimento. Louvável. Principalmente porque era com o objetivo de conscientização e de buscar a multiculturalidade. Mas, e os sujeitos dessa história indígena? Onde ficam? Não queria de forma alguma, repetir o passado, numa perspectiva etnocêntrica, egoísta, de centro do mundo. Dotar de sentidos juruás um tema que em primeiro lugar é seu, do índio.

Comecei a falar aos iguais, não índios, mas fui olvidada, “peregrino quer é peregrinar. Não lhe interessa a história.” O quanto isso me doía, eu sei. Afinal, quando propus e então nasceu o Projeto NECAPECAM, fora com o objetivo de dar sentido mais profundo ao tema, de investigar e compreender as culturas, especialmente a indígena, formadoras de nossas raízes regionais, como disse. E, desde o início, a pergunta fora sobre o que se faria com essa proposta. Em benefício de quem e por quê? Não poderia ser repetido o passado: foi pelos caminhos indígenas que os brancos dominaram de forma aniquiladora os indígenas, fizeram depois seus próprios caminhos. Vi que estava praticamente só, com um ou outro eco, tímido. Mas, independente da solidão que me abatera, a consciência não me deixava calar e lá fui eu, então, conversar, ouvir, compreender... com os guaranis, é claro. E da mesma aldeia. Já não são todos os mesmos. Muitos, permanecem. Percebia as mudanças acontecendo na aldeia, mas tudo era muito manso, apesar da tensão que eu pensava estar sendo gerada pelas alternância de poder, pelas idas e vindas nas aldeias de um ou outro indígena. Logo vi que era honroso ficar em outra aldeia, faz parte da busca de conhecimento dos indígenas, de sua tradição e procura por manter laços e vínculos com toda a família guarani. Do Paraná, dos outros estados, dos outros países. Caminham. Caminham sempre. Caminham muito. Trocam experiências, trocam histórias, trocam lideranças, dividem tudo. Mas, sei que não é só isso. Tenho muito que aprender.

Em 2009 senti que era hora de encerrar a fase de peregrinações exploratórias na COMCAM. Alcançamos o Piquiri, desde o Ivaí. Embora estivessem faltando ainda importantes

municípios, como Goio-erê, Rancho Alegre do Oeste, Moreira Sales, Quarto Centenário, o NECAPECAM precisava refletir. Era hora de fechar esta fase, afinal, já os limites da COMCAM foram tocados, era hora de aprofundar os laços com as raízes das culturas tradicionais, as raízes primeiras e mais verdadeiras da nossa região. Sempre tive comigo que os peregrinos “não só querem peregrinar”, buscam também raízes, desejos. São individuais, essas raízes, esses desejos? Mas, por que existem? O que move as pessoas a buscar os porquês e, alguns, pelo menos, nessas buscas que parecem dispersas, o porquê de sua existência? Que laços nos ligam um ao outro, nos ligam à terra, mais fortes que toda a parafernália que existe para nos fazer deles esquecer, para “sermos felizes para sempre”, soltos no mundo, sem o outro e sem chão? Por que tanta resistência em ceder a esse chamado egocêntrico e veloz da modernidade?

Em 2010, portanto, demos início ao projeto de rota autônoma, perfeitamente claro para todos que se trata de uma rota simbólica e turística, pois, além da carga de sentidos que carrega como símbolo latino-americano, é impossível, hoje, traçar literalmente o caminho, tantas foram as estradas construídas no seu contexto desde o século XVI. E era chegada a hora de dialogar de frente com os indígenas. Expor-lhes as angústias, o receio de estar nos apropriando de uma história sua. Difícil. Mas, que tinha que ser feito. Então, os contatos se intensificaram, aceitaram vir a Campo Mourão, conhecer nossas idéias. Confesso que o processo de comunicação teve que ser muito lento. Assunto proibido, delicado, poderíamos não ser aceitos. E, então, termos a humildade de reconhecer e de parar. De forma alguma seria possível continuar o projeto se não houvesse o aval dos guaranis.

A ida à aldeia, agora, se deu em um temporal que assustou. No caminho, árvores caídas, carros tombados, muito vento.

Chegamos a Santa Amélia. Ainda com muita chuva. Awa Djoropy- Rosinei em português, o líder que articulou todo o nosso contato, há meses, nos esperava. Mas, a notícia: os índios não conseguiam sair da aldeia que ficava distante a apenas 09 km. Por causa das crianças, dos velhos. E estavam todos preparados para a apresentação do ritual, para a viagem. O remédio foi locar um carro traçado para trazê-los. Deu certo.

Fiz questão de conhecer cada um, seu nome em português em guarani, já antes de subirem ao ônibus. A viagem foi tranqüila, eram já por volta das cinco da tarde, mas a chuva se acalmara. No caminho, já viemos conversando. Trocando histórias. O cacique Awa Ninboaty, como sempre e em todas as situações que tenho vivenciado, com outras aldeias e com outros caciques em outros encontros, mostrou-se em princípio calado e preocupado, circunspecto. Muito aos poucos foi se abrindo, tornando-se comunicativo. Sempre ordeiro com o grupo, ajudado pela esposa, muito amorosa com todos. O clã era composto por 28 indígenas entre pais, irmãos, sobrinhos, avós, crianças e adultos. No correr dos dias percebi também a preocupação permanente do cacique com o respeito um ao outro, com o coletivo, com hábitos de higiene, com a tradição alimentar, com a linguagem, com o trabalho de cada um: isso é com fulano, isso é com cicrano...às vezes a sua posição sumia dentre todos. Ficava silente, nada dizia, só se impunha nos momentos de iniciativa do coletivo. Aí ele mandava, orientava firmemente, se preciso. Mas, quando, por exemplo, era hora do ritual, hora de contar as histórias, hora de comer, percebia-se claramente desenhos hierárquicos próprios, no comando

irrestrito e respeitoso de outros líderes. Linhagens. O cacique e a esposa eram sempre os primeiros a organizar, a trabalhar. Os últimos sempre a se servirem, a deixarem os locais. Sempre estavam acompanhando a Kunhã Sapydju -Vó Almerinda, as crianças, os pais sempre atentos, não se ouviu um choro de criança o tempo todo, uma ralhãção com elas. Cuidado um com o outro: se há sabão, se é preciso toalha, se quer repetir o alimento, água. Levantando cedo, indo ao banho - quando deu- mais de uma vez ao dia, escovando os dentes, organizando suas coisas. Sem pressa, sem falação.

Na noite do primeiro dia, por volta das 23 horas, assim que chegamos ao IMAPE, servi uma refeição com leite, pão, bolo, bolacha, chocolate. Conversamos. Foi a hora mais importante: consegui expor o projeto do NECAPECAM com maior profundidade, falei de minhas preocupações com relação ao fato de estarmos, de repente, trabalhando com algo sagrado e proibido para eles. E da disposição em encerrar as propostas se não fossem aceitas e se não tivessem a sua participação. Com a calma de sempre, falaram Kunhã Sapydju-Vó Almerinda, Apyka Jywoty-Vô João, Awa Djovopy-Rosinei, Awa Wimbogwyde- Ronivaldo e Awa Ninboat- Cacique Mário. Não, não seria preciso parar. Também para eles o projeto é importante. Mas, os juruás precisam saber que o Tape Awiru é sagrado. Caminhar nele com o coração limpo. Nhanderu, que é Deus, vai abençoar aquele que andar sobre ele, mesmo que seja simbólico, sendo índio ou não índio. Conversamos sobre o outro dia que viria. Planejamos mais ou menos o que faríamos. Permaneceríamos no IMAPE para trocarmos experiências, relatos. À tarde iríamos ao evento em Peabiru. Foram dormir em seguida.

No outro dia, café da manhã, agora também com alguma fruta. Depois, a rodada de conhecimentos. Kunhã Sapydju-Vó Almerinda, Apyka Jywoty-Vô João, Awa Djoropy-Rosinei, Awa Wimbogwde- Ronivaldo, Awa Ninboaty- Cacique Mário, cada um falou a seu tempo, com a autoridade que lhes era conferida. A Kunhã Sapydju-Vó Almerinda dava o tom. Quando algum deles estava falando, ela assentia com a cabeça, sorria, elogiava, a gente percebia que ficava orgulhosa. Mas, muitas vezes, atravessava a fala, maneava a cabeça, calma, sempre rindo, explicava melhor, acrescentava algo. Apyka Jywoty-Vô João também fazia o mesmo, mas seguido da Kunhã Sapydju-Vó.

Foi falado da Yvyamaraney (Kunhã Sapydju-Vó Almerinda e Awa Djoropy-Rosinei), às vezes Tapemaraney(Apyka Jywoty-Vô João), outras vezes Yvy Mburana (Kunhã Sapydju-Vó Almerinda), que é a Terra Sem Mal, são variações lingüísticas.Falaram do Tapeawiru, que é o Caminho de Peabiru. Foram contadas histórias que mostravam o respeito que se deve ter com as águas, com as matas, com o alimento, o coração limpo, a obediência a Nhanderu, aos outros deuses, sol e lua, tudo em histórias. Quando não era Kunhã Sapydju-Vó Almerinda que falava, quem falava procurava seu olhar de assentimento. O cacique falava e voltava a falar dos que não seguem mais a tradição, entristecido. Dizia que precisam ouvir, seguir os ensinamentos guaranis, manter as suas histórias, sua cultura. Todos ouviam, silenciosos.

Estão numa terra em litígio, mas têm muita esperança de conseguirem a demarcação. Só falta a homologação. Se os guaranis não tiverem assegurado suas tradições, como viverem então? Com as terras demarcadas, aí, sim, terão que estar preparados, saberem como cuidar das matas, das águas, dos alimentos, dos costumes, seguindo seus antepassados.

Nessa manhã, pedi a eles que escrevessem sobre o apoio que estavam dando ao nosso Projeto do Peabiru, sobre terem aceitado e visto como importante para eles. É assim que a nossa comunidade não índia entende as coisas: por escrito. Então, o cacique me pediu folha e papel, reuniu alguns, entre eles os que falaram, pediu informações para mim (o que é COMCAM, em que municípios iriam passar) e se puseram a produzir um texto. Levaram por volta de uma duas horas a três horas, escrevendo e recolhendo assinatura de todos.

Agradei, feliz. Também falei de histórias e mitos que conheço, de livros, sobre o Guairá, sobre os indígenas na região. Histórias que fundamentam o Projeto do Peabiru. Em seguida, aguardamos o almoço. Almoçamos, já a Professora Zilda Leandro da FECILCAM estava conosco. Ficamos todos por ali, uns descansando, outros conversando, outros brincando de bola no campo, Apyka Jywoty-Vô João percrustando a mata em volta do rio do Campo próximo ao IMAPE... Chamei o Professor Carlos Aleixo Diretor da Fecilcam para conhecê-los, pois não poderíamos ir até a Faculdade, conforme estava acordado. Ele veio, a Larissa veio junto, com a filmadora.

Os índios lhe agradeceram o ônibus com “os presentes que tinham”, disse o cacique: um belíssimo ritual, flechas.

Já era hora de nos prepararmos para a ida a Peabiru, onde jantaríamos e teríamos a apresentação e a fala no Simpósio.

O ônibus chegou, já estávamos todos prontos, com bagagem para o pouso em Peabiru, inclusive. Chegamos a Peabiru.

Primeiro, os indígenas fizeram o reconhecimento no local: pátio do Colégio onde nos acomodamos, a Praça Central Eleutério G. de Andrade.

O cacique, ao percorrer a praça, junto com alguns indígenas, ficou muito estranho: eu disse a ele que as coisas iam melhorar para os índios, agora a sociedade estava se conscientizando, se tornando mais humana, solidária. Ele respondeu que nunca seria melhor para os índios, que não acreditava nisso. Eu lhe propus não apresentarmos mais nada naquele dia, não seguirmos em frente. Estava sentindo-o muito triste. Não concordou. Perguntei se não se arrependera, se não seria melhor encerrarmos o projeto, esquecer o Peabiru. Ele também disse que não. Os outros vieram me consolar: não ligue, já passa, nós estamos animados. Ele já se anima.

O jantar – uma canja reforçada- foi servido, começamos a nos aprontar e, à noite, nos dirigimos à Câmara Municipal de Peabiru. Os indígenas puseram seu artesanato à exposição, foram vendidos alguns –colares, enfeites de cabelo, flechas- e, já bem depois das 20h, o evento se iniciou.

O Simpósio teve início com a composição da mesa de autoridades: Prefeito Municipal de Peabiru João Carlos Klein, Vereadores de Peabiru e de Campo Mourão presentes, Presidente do NECAPECAM Marilene Celant de Miranda, Kunhã Sapydju-Vó Almerinda, Apyka Jywoty-Vô João, Awa Djoropy-Rosinei, Awa Wimbogwyde-Ronivaldo, Awa Ninboaty-Cacique Mário. Cada autoridade não índia falou e depois se iniciou a fala dos indígenas. Cada um deles que estava à mesa falou, explicando sobre o Tapeawiru e Yvymarany, Tapemaraney, Yvy

Mburana (variações da Terra Sem Mal) falando de sua cultura por meio de histórias. Depois, houve a apresentação do ritual indígena e a leitura da “Carta de Peabiru”, que haviam escrito de manhã, lá no IMAPE. Quem leu foi a filha do Cacique que redigiu a carta, pensada pelo grupo, Kunhã Djatsy-em português, Raquel.

A apresentação do ritual foi indescritível. Como disse Apyka Jywoty-Vô João, “se sente quando canta, as palavras, a música, entra no nosso coração”.

Durante o evento, abri meu coração com o público, falei do que estava acontecendo de fato: era, na verdade, um pacto de parceria entre nós, não índios do projeto Peabiru, e eles, os guaranis de YWY PORÃ. Quando tudo terminou, e se iniciara o coquetel, ficaram na platéia, sentadas, algumas poucas pessoas. Entre elas, o Padre principal da Paróquia de Peabiru. Perguntei-lhe, curiosa e ansiosa, o que achara: “Pepitas de humanidade!” me respondeu o Padre, que passou a manifestar a riqueza que presenciara, a necessidade que sentia de mais brancos terem assistido àquela sessão cultural e mística dos guaranis.

O cacique estava mais tranqüilo, fomos para o alojamento onde pernoitamos.

Dia seguinte, 09 de outubro de 2010, já bem cedinho, levantamo-nos, tomamos café com frutas, indígenas e peregrinos se misturaram aos preparativos para a caminhada. Foi feita meditação, falou o peregrino Pierim e o índio Awa Djoropy-Rosinei. Cada um fez sua prece, que acompanhamos. Depois, foi feito o alongamento coletivo e se deu início à peregrinação.

Os indígenas adultos e jovens foram todos, até Apyka Jywoty- Vô João. Ficamos eu, o Cacique, sua esposa, Kunhã Sapydju-Vó Almerinda e as crianças. Acompanhamos o trajeto bem atrás, de ônibus.

O almoço se deu na Associação da COOPERMIBRA, em Campo Mourão. Arroz Carreteiro feito por mourãoenses: Darcy Deitos, Miranda, Colchon, Deferson, Lorenilda e outros. Dali os peregrinos seguiram a rota do mapeamento e eu e os indígenas, todos, fizemos o percurso até o Parque Estadual “Vila Rica do Espírito Santo”, no município de Fênix. Passamos pelo Parque do Lago, onde viram o Totem implantado pelos índios da aldeia Araribá, de Bauru, São Paulo, em outubro de 2004. Seus parentes. Passei para eles as fotos do ritual de implantação. Cada índio viu, reconheceu os participantes. Foi muito alegre.

Dali, passamos por Boa Esperança, onde nos aguardava o Sr. Gancedo. Ele lembrara, de manhã, que estava fazendo exatamente 06 anos que o Projeto do Peabiru do NECAPECAM começara. Fora em 10 de outubro de 2004. Agora, falou da história do Projeto Peabiru, rota da Fé, da estrada conhecida por dos Jesuítas e dos Índios. Seguimos para o Salto Boi Cotó. No trajeto, paramos na Capela incrustada na árvore, de Nossa Senhora de Assunción, os índios quiseram entrar na mata. Todos. Iam parando, reconhecendo as plantas, o barulho dos bichos, nomeando cada um, cada árvore.

Seguindo, chegamos à Cachoeira do Boi Cotó. Os juruás já foram entrando na água, molhando os pés. Estávamos em quatro, eu permaneci à margem, observando. Os índios ficaram por ali, silenciosos. Todos. Meditando. Em seguida, entraram nas águas e se deliciaram por inteiro. Me disse, depois, Awa Wimbogwyde-Ronivaldo, que pediam permissão ao dono

das águas. Mãe e crianças, avós e tios, um jogando água no outro. Vi que Maria, esposa do cacique, molhava seu netinho de cima em baixo, prazerosamente. Amam as águas.

Dali, visitamos as quatro fronteiras – Campo Mourão, Peabiru, Corumbataí e Barbosa Ferraz, a comunidade Água do Juca. Seu Neção foi atencioso, mostrou as peças indígenas que guarda – um pilão de pedra e uma pedra de machado, serviu garapa a todos. Cacique disse que a machadinha era pedra de raio. Outro indígena, que tem mistura com Xetá, explicou que não, que era ferramenta de trabalho indígena. Seguimos para Fênix, visitar o Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo.

No Parque, viram o museu. Foi emocionante para eles, que se encantaram com cada peça, cada imagem encontrada. Falavam, meditavam. Viram a urna funerária, elogiaram o capricho de seus antepassados, trocavam idéias, discutiam possibilidades diante de cada objeto. Kunhã Sapydju-Vó Almerinda, pequenina, dócil, estava, pra dizer assim, muito perplexa, sorria, chamava a atenção de um, de outro, falava. Perguntei-lhe se estava bem. Me disse “muito importante pra nós, mesmo sendo muito triste, ver como tudo se acabou assim...mas está muito importante mesmo pra nós.” Gostaram muito da mata, mas não entraram, ficaram à sua margem, nomeando a flora, ouvindo bichos, nosso tempo era pouco.

A volta se deu até o Barreiro das Frutas, no reencontro com os peregrinos. Ali fariam outra apresentação de ritual, falariam de sua cultura e jantaríamos todos juntos. Quando chegamos, o jantar já estava posto, sem servir ainda. No palco, falavam as autoridades da comunidade e a presidente do NECAPECAM Marilene C. Miranda da Silva.

Solicitei que a apresentação se desse em seguida às falas, pois seria mais conveniente. O ritual sagrado exige silêncio, contemplação. Sei da preocupação guarani em não misturar sagrado e profano. Não foi possível, já era tarde, as pessoas estavam cansadas, precisavam se alimentar. O ambiente estava festivo, alegre, barulhento.

Depois do jantar, foi perguntado se ainda fariam a apresentação, mas os indígenas alegaram não haver mais condições. Os artistas da comunidade já estavam apresentando músicas de viola, a festa se intensificara, não havia como interromper. O ritual sagrado exige outra postura. Contemplação.

Dali viemos de ônibus para Campo Mourão, para o IMAPE, onde nos preparamos para a última pernoite.

Às cinco da manhã do dia 10 já estávamos nos preparando para o café da manhã e para a nossa saída. Saímos às 6h, depois de nos despedirmos daquele lugar com muito carinho. Foram dias muito importantes os que ali vivemos.

Na viagem de volta conversamos ainda. Falamos das nossas experiências, das nossas impressões, prometemos repetir nossos encontros. Fizemos planos. Na aldeia, a chegada foi festiva, principalmente por parte das crianças. Mas, a despedida foi triste. Ficou, porém, a certeza de que em breve nos veremos e que irei almoçar e ficar uns tempos com eles. Todos aprendemos muito.

## **CARTA DE PEABIRU - TAPE AWIRU**

**NÓS, DA RESERVA INDÍGENA POSTO VELHO, YWY PORÃ (TERRA BOA OU BONITA) DIZEMOS QUE É DE EXTREMA IMPORTÂNCIA O PROJETO “CAMINHOS DE PEABIRU DA COMCAM” PARA MANTER NOSSA IDENTIDADE INDÍGENA E NÃO SER ESQUECIDO A IDENTIDADE DOS NOSSOS ANTEPASSADOS NESSA CIDADE DE PEABIRU DE CAMPO MOURÃO DE CORUMBATAÍ DO SUL, E TODA A COMUNIDADE DE COMCAM PARA FORTALECER OS CONHECIMENTOS QUE ELAS TÊM NESSA CIDADE, QUE NÃO É UMA ESTÓRIA E SIM REALIDADE SAGRADA QUE ACONTECEU NO PASSADO E ESTAMOS MUITO GRATOS DE ESTARMOS AQUI HOJE, QUE A CAMINHADA QUE OS NÃO ÍNDIOS FAZEM SEJAM DE CORAÇÃO LIMPO COM O PENSAMENTO QUE VÃO CHEGAR A TERRA SEM MAL. PORQUE NA VERDADE ESSE CAMINHO QUE FAZ É SAGRADO.**

**INDEPENDENTE QUE É ÍNDIO OU NÃO ÍNDIO VÃO CAMINHANDO DE CORAÇÃO LIMPO PARA ALCANÇAR OS BENEFÍCIOS E AS BENÇÃO DE NHANDERU. QUE É DEUS.”**

**CAMPO MOURÃO, 08 DE OUTUBRO DE 2010.**

*Diante da recusa dos índios em fazerem o ritual no dia 09 de outubro de 2010, durante o evento de peregrinação, à noite, no Barreiro das frutas, me preocupei. E fui falar com eles. Procurei conversar com todos os que estavam preparados para falar:*

**Sinclair:** Por que não deu para se apresentar, Rosinei?

**Awa Djoropy:** Porque estava muito barulho, não tinha lugar para nossa reza. Tudo muito misturado, Não pode. O coração tem que estar limpo pra ter a bênção de Nhanderu, que é Deus.

**Sinclair:** Vô João, o que quer dizer “coração limpo”?

**Apyka Jywoty:** Quer dizer que o pensamento e o corpo devem estar limpos, livres. Nenhum pensamento ruim, sentimento pesado, no Tape Awiru. Nenhuma briga com o irmão, nenhum barulho, ruído que atrapalha, só pensamento em NHANDERU. Quer dizer que o corpo tem que estar limpo, leve. Pra caminhar com o corpo leve, tem que só comer fruta, mel, comida sem sal, sem gordura, comida assada, da terra, água, tem que jejuar também.

**Sinclair:** Vô Almerinda, todo mundo ou só o Tchemoi ou Tcheramoi tem que estar com o coração limpo? Quem mais?

**Kunhã Sapydju:** Para os preparado é mais: têm que ficar muitos dias afastado, sem conversar e encontrar ninguém, só com Apyka, Tchemoi, que prepara. Jejuar. Só pensando em Nhanderu. Os não índios podem caminhar também, mas têm que procurar o coração limpo. Nhanderu, que é Deus, vai abençoar eles também.

**Sinclair:** Não pode haver festa nas peregrinações que fazemos, Ronivaldo?

**Awa Wimbogwyde:** Pode, sim. Guarani também faz ritual de alegria, de festa. Mas, não pode misturar. Quando é reza, é reza. Quando é comida é comida. Depois, pode festar. Nhanderu

quer alegria também. Tem ritual de festa que é feito junto com outros, sagrados. Mas, é com contemplação.

Sinclair: Seria bom um dia de reza, ou de reflexão, outro dia de festa?

Awa Wimbogwyde: Pode ser no mesmo dia... Mas, do jeito que estava ontem, naquela janta, não dava... Tape Awiru é sagrado, o ritual dele é sagrado. Tinha que ser antes daquilo, tudo muito misturado. Coração limpo, corpo leve. Mas não pode pensar que não pode ter alegria. Tem a hora, tem o jeito.

## ALGUMAS HISTÓRIAS:

### Txeru Mbaé Kwaá

O Pai Txeru Mbaé Kwaá é Deus. Txru Vuçu é pai de Djikokowa. O Djikokowa, ele é relâmpago e Kussuvi é o raio.

O Txeru Vuçu, por ser um filho muito obediente e sempre fiel ao pai. O Txeru Vuçu tinha sua mulher, e ela estava grávida e sentiu vontade de comer alimento e frutas.

O marido pegou as suas cestas e foi trabalhar, ou seja, plantar.

E no outro dia ele mandou ela buscar o alimento e as frutas. E ela disse:

\_ Você plantou ontem e quer que vai buscar já?

Mas, mesmo assim ela foi buscar. Chegando lá, quando ela olhou estavam todas maduras as coisas que ele tinha plantado. Começou a colher, enchendo a cesta, e voltou para casa.

Quando ela chegou na casa dela, não encontrou mais o marido, pois ele já tinha ido embora, porque ela duvidou dele. Aí ela perguntou para os seus filhos:

\_Aonde seu pai foi?

Aí eles ficaram quietos, ela tornou a repetir:

\_Aonde seu pai foi?

Eles responderam:

\_Foi embora.

Ela saiu à procura de seu marido e se deparou com uma encruzilhada em que havia dois caminhos. Ela perguntou para seus filhos:

\_Que caminho ele pegou? Direito ou esquerdo?

Eles responderam:

\_Esquerdo.

E esse caminho levou eles até a casa das onças. As onças prenderam eles por algum tempo e depois comeram a mãe deles que chamava Txaí. As onças não conseguiram comer os gêmeos porque eles eram protegidos e nada de mal acontecia com eles.

Eles cresceram sozinhos e descobriram porque um dia o papagaio falou para eles que a onça tinha comido a mãe deles.

Eles criaram a água e uma ponte para acabar com os djagwa, as onças.

Como Kussuvi era mais velho e Dikokawa era mais novo, eles construíram a pinguela embaixo do pé de gabirolva e disseram para as onças irem pegar. Quando elas começaram a passar em cima da pinguela e estavam no meio do rio, e faltava apenas uma onça que estava prenha, Dikokawa não teve calma de esperar e virou a pinguela. Uma das onças caiu perto da margem e nadou até a beirada e saiu. E é por isso que existem as onças hoje. Porque Dikokawa não teve calma de esperar.

Depois, Dikokawa e Kussuvi sofreram muito porque encontraram o bicho mau Anã e começou a judiar deles.

Eles ensinaram os índios maus a dançar e a cantar e seu pai se agradou com eles. E subiram para o céu onde se encontram com seu pai até hoje.

*Obs.: esse é um mito de origem, guarani, que conta a história dos gêmeos Sol e Lua que saíram em busca de seu pai.*

### **A doença de Kunhã**

Kunhã, a mãe de Awa Ōkedju adoeceu. Awa Ōkedju foi procurar por Apyka que fazia os remédios para curar as doenças que acometiam a aldeia, inspirado em Nhanduru. Apyka trabalhou, fez um remédio bom para Kunhã. Colocou numa garrafa grande e pediu para Awa Ōkedju avisar que a mãe teria que tomar, todos os dias, um tanto daquele remédio. Ia ficar boa, curada.

Awa Ōkedju se foi, contente. Perto de um rio, ele tropeçou, derrubou a garrafa e a garrafa se quebrou, fazendo perder todo o remédio que Apyka tinha preparado. Então Awa Ōkedju ficou muito triste. Pensou, pensou... A mãe não podia morrer, Apyka já estava bastante longe dali, não dava pra voltar, era passada a hora de chegar e levar algum remédio para a mãe.

Awa Ōkedju teve uma inspiração: foi ao rio, encheu outra garrafa de água limpa e a levou para a mãe. Chegando lá, todos já estavam aflitos: Kunhã piorara. Foram encontrá-lo no caminho, quando o perceberam chegar. Awa Ōkedju não contou nada do que tinha acontecido. Foi, cuidou da mãe, deu-lhe o tanto de remédio para o dia. No outro dia, a mesma coisa.

Awa Ōkedju olhava para a mãe, preocupado e silencioso. Mas, não sabia se era de tanta vontade que tinham, ela , principalmente, a cada dia a mãe de Awa Ōkedju, melhorava.

Um dia, de sol forte, quando Awa Ōkedju acordou, viu que a mãe não estava mais deitada perto dele. Não havia ninguém ali. Ele saiu correndo, viu a mãezinha lá fora, sorridente, abraçando o sol, livre como ninguém. Awa Ōkedju ficou muito feliz. A mãe lhe disse:

\_ Meu filho, o remédio que Apyka que você me deu, me curou. Awa Ōkedju respondeu:

\_ Não, mãe. A senhora bebeu as águas do nosso rio. E contou a história para ela.

A mãe então, assim como Awa Ōkedju e toda a aldeia aprenderam a lição: a grande fé curou a doença de Kunhã.

### **O dono das águas**

Tcheramoí avisou a aldeia: hoje não é dia de pescar.

Awa Tangara e Awa Djopeajdu, que já tinham se preparado para pescar naquele dia, não fizeram caso. Discutiram com Tcheramoí. Por que, não? O dia estava de pesca, bom para pegar muito peixe, dava para ver isto no céu, na manhã, no tempo que fazia. Tcheramoí insistia: “Não vão, não. Ninguém pode ir.”

Eles foram. Chegaram ao rio, começaram a pescar. Awa Tangara jogou na água o anzol que tinha feito com capricho. Sentiu que fisgara um peixe. Puxou, puxou...mas, antes de o peixe vir, ele é que caiu e ficou com o braço preso embaixo de uma pedra. Ele tentou tirar o braço, puxava, puxava e nada. E ia se afundando. Awa Djopeadju também ajudou. Puxava, puxava Awa Tangara, mas ele se afundava cada vez mais.

Então, Awa Djopeadju foi correndo buscar ajuda. Veio Awa Guatxaí, índio forte, puxava Awa Tangara, mas a pedra estava firme em cima do braço de Awa Tangara. Enroscado e quase afogado, estava também desesperado. Chamaram Tcheramoí.

Tcheramoí chegou, calmo, foi até o rio, enfiou o braço e afastou a pequena pedra que prendia Awa Tangara. Era bem pequena, não tinha força para tanta dificuldade. O braço de Awa Tangara estava esfolado, ardia demais. Toda a pele estava machucada.

Então Tcheramói falou:

-Eu tinha avisado vocês. O dono das águas me falou que hoje ninguém podia pescar.

## **RELATÓRIO DA 1ª PEREGRINAÇÃO NA ROTA SIMBÓLICA E TURÍSTICA DOS CAMINHOS DE PEABIRU NA COMCAM**

**DATA: 08 (SIMPÓSIO), 09 E 10 (PEREGRINAÇÃO) DE OUTUBRO DE 2010**

**ITINERÁRIO: PEABIRU, CAMPO MOURÃO, CORUMBATAÍ DO SUL**

### **PARTE I I**

#### **PEREGRINOS (JURUÁS OU NÃO ÍNDIOS)**

*Sinclair Pozza Casemiro*

Estamos no dia 08 de outubro de 2010, no município de Peabiru-PR, na Câmara Municipal. Passam das 20 horas e tem início a apresentação do Simpósio da 1ª. Peregrinação na Rota Simbólica e Turística dos Caminhos de Peabiru da COMCAM.

O Mestre de Cerimônia Professor Fábio Sexugi dá início ao evento, convidando as autoridades a fazerem parte da Mesa: Prefeito Municipal de Peabiru, Sr. João Carlos Klein, Vereadores, autoridades religiosas, Presidente do NECAPECAM, Marilene C. Miranda da Silva e alguns indígenas da Aldeia YVI PORÃ: Cacique Mário, Vó Almerinda, Vô João, Rosinei e Ronivaldo. Após o pronunciamento das autoridades não índias, os indígenas iniciam a sua fala. Cada qual se manifesta, explicando sobre sua cultura, sobre o momento de ali estarem e sobre o tema Caminho de Peabiru. Para eles, "Tape Awiru", que significa Caminho em Busca da Terra Sem Mal.

Segue-se às falas, a apresentação de rituais, com jovens e crianças, adultos lindamente trajados e preparados. Falam ao coração. Uma sequência de cantos e danças que falam da Terra Sem Mal, do Peabiru. Vô João, ao final, explica que são cânticos sagrados e festivos, a Nhanderu, sobre o Peabiru e a Terra Sem Mal.

Após a apresentação, a indígena Raquel lê a CARTA DO PEABIRU. Trata-se de um documento escrito de manhã, no local onde estão instalados, após diálogo com a Coordenação de Estudos e Pesquisas do NECAPECAM. Nesse diálogo, foi lhes argüido sobre o Projeto que o NECAPECAM desenvolve na COMCAM. E se questionou a possibilidade de continuarem, ou se tal Projeto, de alguma forma, tivesse qualquer tipo de impedimento, já que se trata de um patrimônio cultural guarani sagrado. Também é patrimônio arqueológico dos Itararés, mas, é sagrado para os Guarani, daí a preocupação em solicitar aos indígenas Guarani tal permissão.

ique

Diante da aceitação do grupo indígena, de sua manifestação pela importância do Projeto como preservação da identidade indígena Guarani, a Coordenadora de Estudos e Pesquisas do NECAPECAM solicitou-lhes a escrita de uma Carta, com essa sua manifestação. Um grupo de indígenas, entre eles, o Cacique Mário, Rosinei, Ronivaldo, Vó Almerinda, Vô João, Raquel e outros, compuseram coletivamente o seguinte texto, transcrito por Raquel:

#### **CARTA DE PEABIRU - TAPE AWIRU**

**NÓS, DA RESERVA INDÍGENA POSTO VELHO, YWY PORÃ (TERRA BOA OU BONITA) DIZEMOS QUE É DE EXTREMA IMPORTÂNCIA O PROJETO “CAMINHOS DE PEABIRU DA COMCAM” PARA MANTER NOSSA IDENTIDADE INDÍGENA E NÃO SER ESQUECIDO A IDENTIDADE DOS NOSSOS ANTEPASSADOS NESSA CIDADE DE PEABIRU DE CAMPO MOURÃO DE CORUMBATAÍ DO SUL, E TODA A COMUNIDADE DE COMCAM PARA FORTALECER OS CONHECIMENTOS QUE ELAS TÊM NESSA CIDADE DE QUE NÃO É UMA ESTÓRIA E SIM REALIDADE SAGRADA QUE ACONTECEU NO PASSADO E ESTAMOS MUITO GRATOS DE ESTARMOS AQUI HOJE, QUE A CAMINHADA QUE OS NÃO ÍNDIOS FAZEM SEJAM DE CORAÇÃO LIMPO COM O PENSAMENTO QUE VÃO CHEGAR A TERRA SEM MAL. PORQUE NA VERDADE ESSE CAMINHO QUE FAZ É SAGRADO.**

**INDEPENDENTE QUE É ÍNDIO OU NÃO ÍNDIO VÃO CAMINHANDO DE CORAÇÃO LIMPO PARA ALCANÇAR OS BENEFÍCIOS E AS BENÇÃO DE NHANDERU. QUE É DEUS”.**

Após este evento, houve coquetel e venda de artesanatos indígenas, encerrando-se as atividades da noite. Seguiram todos, indígenas e peregrinos, ao Colégio onde houve a pernoite.

Dia 09 de outubro de 2010.

Logo de manhã, o café foi servido, em seguida foram feitas reflexões em preces índia (Rosinei) e não índia (Pierim), fez-se o alongamento e deu-se início à peregrinação.

Seu Gancedo lembra que está fazendo exatamente 06 anos desde o primeiro evento de peregrinação, que fora em outubro de 2004. A ONG NECAPECAM foi idealizada com o objetivo de institucionalizar estudos e pesquisas em toda a região da Comunidade de Municípios de Campo Mourão-COMCAM, para que reunisse interessados e estudiosos que já vinham estudando individualmente o tema, em toda a região, bem como aqueles que vinham se reunindo em estudos em Campo Mourão.

A saída se deu na Praça Eleutério G. Andrade, passando pela Rodoviária e seguindo-se rumo ao Bar Baiano Macaco, um ponto de encontro dos desbravadores da mata nos meados do século XX, que ali paravam para o primeiro ou último gole. O Bar ainda conserva a pintura antiga, está todo descascado, fazendo o pensamento viajar através dos tempos, naquela imensidão de mata que deveria ser a região e por onde passava esse Caminho indígena, do Peabiru.

Os indígenas também fazem a peregrinação, com exceção da Vó Almerinda, que não consegue andar mais que cem metros, com exceção das crianças, do cacique e de sua esposa, da Coordenadora de Estudos e Pesquisas do Necapecam que acompanha os indígenas desde sua aldeia e os acompanhará até seu retorno no dia seguinte, em Santa Amélia e Abatiá.

Ciclistas participam, pela primeira vez, das peregrinações no Peabiru.

Todo o percurso, até o Pinheirinho se faz por essa estrada, ladeando a BR 158. Pinheirinho fora nos meados do século XX uma zona de meretrício famosa em toda a região. Era bem cuidada e ao final foi abandonada, servindo hoje como local de moradias rurais. O nome se dá pelo Pinheirinho, lá no alto, visível ao longe, nos tempos da casa de diversão.

Desse ponto, segue-se pelas áreas de plantações, já colhidas, até o rio Riberirão da Lagoa, onde os peregrinos encontram um desafio: terão que passar pela pinguela. Ainda em meio às terras cultivadas, seguem os peregrinos até alcançarem novamente a estrada antiga na altura da Chaminé que denuncia uma cerâmica muito ativa no passado não muito distante. Fora este o local histórico onde Sadi Silva teria tido a inspiração de dar ao município que se criava, o nome de Peabiru, em homenagem aos caminhos indígenas que tinham esse nome. Ali, nos cruzamentos, segue-se rumo a Campo Mourão. Os trechos são muitos, mas a orientação dos guias permite uma caminhada sem riscos.

Chegam os peregrinos ao Rio 119. Nesse local, por suas imediações, está a divisa entre Campo Mourão e Peabiru e foi o primeiro ponto de parada dos pioneiros do ano de 1901 ou 1903, conforme um e outro depoimento de famílias pioneiras. Chegaram por ali, encontraram índios mansos, deram início ao desbravamento e cultura. Ali havia escola, venda, cartório. O primeiro cartório de Campo Mourão, Devete de Paula Xavier aprendera ler e escrever ali, em folhas de bananeiras. Também ali, nesse cartório, fora lavrada a escritura do terreno hoje Fazenda Campo Bandeira pela família Joint, que adquirira a área onde se situava o toldo do Capitão Índio Bandeira.

Segue-se rumo ao Jardim Santa Cruz, na Gruta de Santa Cruz e Igreja Santa Cruz. A primeira Gruta fora construída pelos pioneiros aproveitando as pedras que traziam da mata, quando chegavam das difíceis viagens. Diz-se que eram entregues ali como pagamento de promessas feitas ou em ação de graças por terem alcançado o difícil fim da viagem entre as perigosas picadas e caminhos indígenas. A Gruta foi reconstruída, não é mais de pedras, mas está no mesmo local e com a cruz antiga. A segunda, pois a primeira foi totalmente queimada por velas. Essa segunda teve um início de queima, também pelas velas, mas foi salva antes de ser destruída. E está aí até hoje.

Dali se segue, atravessando o asfalto, passando defronte o Parque de Exposição Getúlio Ferrari, subindo até o Cerrado. No Cerrado encontra-se o tombamento e Parque Ecológico do Cerrado de Campo Mourão, cuidado pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão. É o Cerrado mais setentrional do Planeta, segundo pesquisadores e possui um herbário onde são classificadas e estudadas a sua flora e fauna. Por ali passava também o caminho indígena. Seguindo, procura-se alcançar, bem mais à frente, a Reserva do Jardim Albuquerque, onde há vestígios de caminhos antigos, dos indígenas e dos pioneiros. Na Associação da COOPERMIBRA, bem ao lado da Reserva do Jardim Albuquerque está sendo servido o almoço feito pela equipe de Darcy Deitos, Miranda, Deferson, Lorenilda, Colchon e outros. Um delicioso arroz carreteiro.

Os peregrinos descansam nas imediações, conversam, e estão prontos para continuarem seu percurso desta primeira peregrinação.

Os indígenas, acompanhados da Coordenadora de Estudos e Pesquisas do Necapecam, seguem de ônibus em visita aos lugares históricos de sua cultura por onde passarão, também, em seguida, os próprios peregrinos. Porém, os indígenas seguirão pouco além deles, até Fênix.

Seguindo, os peregrinos adentram a mata cheirosa e fresca, balsamo para os seus corpos cansados, mas ainda muito dispostos. Caminham até o local conhecido como Barreiro das Frutas. Este local, em 1910 foi núcleo de povoação importante para o desbravamento e se chamava Barreiro das Frutas por haver ali muitas frutas e ser um terreno de difícil acesso e passagem em dias chuvosos. Foi território do Capitão Índio Bandeira. Ainda há muitos urucuns que devem ser resquícios daquele tempo, pois os índios se utilizavam largamente de seus frutos para alimento e pintura.

Os peregrinos descansam na comunidade, onde ainda se conservam estruturas que servem à saúde, associação de moradores e atividades culturais. Os moradores dali são ainda bastante antigos do lugar, muitas histórias são contadas dos tempos da colonização, antecedido de falas das autoridades locais, da Presidente do Necapecam Marilene C. Miranda da Silva. Os indígenas chegam de ônibus para também se apresentarem aos peregrinos, mas, principalmente para a comunidade do Barreiro das Frutas.

Os indígenas, entretanto, recusam-se a apresentar o ritual, pois, por se tratar de uma cerimônia religiosa para eles, sagrada, do Tape Awiru, entendem que fica difícil fazê-lo já depois de iniciada a festa dos não índios. Sem constrangimentos de ambos os lados, pois há a compreensão de suas razões – não misturar sagrado e profano-, os indígenas permanecem por ali algum tempo, conversam com moradores e peregrinos, vendem artesanatos e se retiram. Visitaram locais importantes durante o dia, como a mata do Boi Cotó, a Cachoeira, os vestígios de estradas antigas. Foram até Fênix, onde visitaram o Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo. Agora se encaminham para Campo Mourão, no IMAPE, onde estão alojados e de onde partirão na manhã do dia seguinte, 10 de outubro de 2010.

Os peregrinos conhecem o artesanato local, compram, vêem a exposição de fotos das peregrinações do Peabiru, dançam, conversam, brincam e finalmente vão descansar para o próximo dia de peregrinação.

Dia 10.

Bem de manhã desse dia 10, os peregrinos tomam seu farto café da manhã, preparado pela comunidade local, procedem ao ritual de início de caminhada: meditação, alongamento, e se vão rumo à Comunidade da Água do Juca, fim da caminhada e onde serão recepcionados com o delicioso porco no tacho e arroz temperado feitos pelos moradores locais, Neção sua esposa Luceni, pela Dinorah e suas filhas e tendo a colaboração dos demais da comunidade.

No percurso, têm a oportunidade de conhecer os caminhos antigos, a Comunidade Boa Esperança, onde param, fazem suas preces, descansam. A equipe de apoio serve, continuamente, alimento, frutas e água à vontade.

Visitam ainda a mata onde está a trilha e a Capela incrustada na árvore com a imagem de Nossa Senhora de Assunción. Seguindo, no Salto Boi Cotó, podem apreciar imagens e pedras

escritas que apresentam a história passada e atual do lugar. Na cachoeira, o merecido descanso aos pés cansados, as brincadeiras.

O ônibus aguarda os peregrinos para retornarem a Campo Mourão, onde se despedem dos companheiros, do NEcapecam, desejando uma feliz e muito boa viagem a todos.

Obrigada e até a próxima peregrinação!

<b>Nome</b>	<b>Equipe</b>
Jaurita Machado Lessak	Alimentação e Alojamento
Marilene Celant M. da Silva	Geral
Antonio Gancedo	Carros de apoio
Sinclair Pozza Casemiro	Indígenas
Lorenilda de Oliveira	Motorista
Carmem Casarim	Condutora
Priscila Jarutais	Condutora
Walter Halateno	Condutor
Vanessa Vieira	Condutora
Maria Luiza da Silva	Kit peregrino e chapéus
Talita (enfermeira)	Saúde
Fabrcio Jorge	Condutor
Antonio Teixeira da Silva	Motorista
José Mianda da Silva	Motorista
Icaro Osinski	Bagagem/alojamento
Wagner Albuquerque	Bagagem/alojamento
Karina Soares	Condutora
<b>Colaboradores</b>	
Darcy Deitos	Cozinha
Orovaldo Colchão	Cozinha
Dinorah Gancedo	Cozinha

Florisvaldo	Cozinha
Luceni	Cozinha
Elijeni Gancedo	Cozinha

**INSCRIÇÕES DOS PEREGRINOS – 1ª PEREGRINAÇÃO NA ROTA TURÍSTICA E SIMBÓLICA  
CAMINHO DE PEABIRU – 08, 09 e 10/10/2010**

Nome	Cidade de Procedência		
Jair Jacovos	Maringá		
Maria Eliana Jacovos	Maringá		
Mariana Jacovos	Maringá		
Arthur Jacovos	Maringá		
Ap. Fatima Carbello	Maringá		
Gercidio Carbello	Maringá		
Paulo H. Shudy Mitsuoka	Maringá		
José Guerino Altoé	Maringá		
Carlos Alberto de Souza	Cianorte		
Miralva Souza de Jesus	Maringá		
Terezinha A. de Assunção	Maringá		
Laercio Ruffo	Cambe		
Claide dos Santos	Cambe		
Vanderlei Araujo	Maringá		
Donizete dos Santos	Paranavai		
Valter Araújo	Maringá		
Celso Melo	Maringá		
Claudemir Pierin	Cambe		
Clarice A. Santos Pierin	Cambe		
Matheus S. Pierin	Cambe		
Lucas S. Pierin	Cambe		
Zilma Assad Suleiman Othman	Campo Mourão		
Talini Assad Suleiman Othman	Campo Mourão		
Vanderlei Dissenha	Campo Mourão		
Andrea Ryser	Curitiba		
Edio Martello	Maringá		
José Poshapski	Campo Mourão		
Harrisson Coelho	Campo Mourão		
Marcos Lobrigatte	C. Mourão (bicicleta)		
Silvia M. Peternelli	C. Mourão (bicicleta)		
Maria Lucia da Silva	Maringá		
Josefina Izabel Domingues	Maringá		
Paulo José Custodio	C.Mourão (bicicleta)		
Everton Oliveira	C.Mourão (bicicleta)		
Lara Oliveira	C.Mourão (bicicleta)		

<b>Edson Brescansin</b>	<b>Maringá</b>		
<b>Alexandra Brescansin</b>	<b>Maringá</b>		
<b>Vinícius Yatsuda</b>	<b>Maringá</b>		
<b>Fabício Yatsuda</b>	<b>Maringá</b>		

<b>Ney (Curitiba)</b>	<b>Pres. Prudente</b>		
<b>Pedro Sergio Mora Filho</b>	<b>Pres.Prudente</b>		
<b>Robson</b>	<b>Pres.Prudente</b>		
<b>Daniel Albuquerque</b>	<b>Pres.Prudente</b>		
<b>Decia</b>	<b>Pres.Prudente</b>		
<b>Fabio Sexugi</b>	<b>Peabiru</b>		
<b>Arleto</b>	<b>Peabiru</b>		

